



Volume 2, Número 1, 2025

## **Paulo de Siqueira: A vida e a obra do Dom Quixote de la Mancha das Artes**

## **Paulo de Siqueira: the life and work of Don Quixote de la Mancha of the Arts**

Gustavo Andre Glienke Feyh<sup>1</sup>

Leonardo Dlugokenski<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo traçar, em âmbito geral, um histórico da vida do artista Paulo Batista de Siqueira. Nascido no ano da graça de 1949 em Soledade/RS, foi um artista e colunista que se destacou devido ao seu trabalho artístico e construção de monumentos, sendo o autor da obra denominada “o desbravador” símbolo máximo da colonização em Chapecó. Paulo estudou no Instituto Educacional de Passo Fundo e muito cedo iniciou sua carreira no mundo artístico, inaugurando a sua primeira exposição ainda na adolescência, porém, foi ao mudar-se para Chapecó que a suas habilidades e criatividade artística foram expandidas, afinal, com apoio do poder público criou diversos monumentos, participou de exposições e integrou coletivos de artistas, como o grupo Chap que tinha

---

<sup>1</sup> Técnico em museus da prefeitura municipal de Chapecó, Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Cnpq), Graduado e Mestrando em História pelo campus chapecoense da Universidade Federal da Fronteira Sul-UFFS. E-mail: [gustavo.feyh@estudante.uffs.edu.br](mailto:gustavo.feyh@estudante.uffs.edu.br) / <https://orcid.org/0000-0002-9218-135X>

<sup>2</sup> Possui graduação em Filosofia pela Universidade Comunitária de Chapecó (2005), é especialista na área de Sociologia pela Universidade de Passo Fundo (2009), é também especialista em FORMAÇÃO DE PROFESSORES E TUTORES PARA ATUAR NO ENSINO - MODALIDADE A DISTÂNCIA pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (2020), mestre na área de História pela Universidade de Passo Fundo (2012), cursou doutorado na Universidade de Passo Fundo entre os anos de 2019 à 2021. É professor do ensino superior, coordenador dos museus de Chapecó, membro do Instituto Histórico e Geográfico Oeste Catarinense - IHGO, é também membro do grupo de Pesquisas em Inovação, Tecnologias em Engenharias, Arquitetura e Urbanismo - ITEAU - UNOESC.. E-mail: [leoled@gmail.com](mailto:leoled@gmail.com) / <https://orcid.org/0009-0008-7234-807X>

como objetivo ampliar a visibilidade de Chapecó frente a outros espaços e locais através da proposição de exposições de arte. Durante sua vida, Paulo de Siqueira projetou e executou a construção de inúmeros monumentos, nos anos noventa enfatizou temas religiosos e produziu freneticamente até sua morte precoce aos 47 anos em 1996.

**Palavras-chave:** Patrimônio Cultural, Monumento Desbravador, História Regional.

**Abstract:** This article aims to outline, in general terms, a history of the life of the artist Paulo Batista de Siqueira. Born in the year of grace 1949 in Soledade/RS, he was an artist and columnist who stood out due to his artistic work and construction of monuments, being the author of the work called “the trailblazer”, the ultimate symbol of colonization in Chapecó. Paulo studied at the Instituto Educacional de Passo Fundo and very early began his career in the artistic world, opening his first exhibition when he was still a teenager, however, it was when he moved to Chapecó that his skills and artistic creativity were expanded, after all, with the support of the public authorities he created several monuments, participated in exhibitions and joined artists' collectives, such as the Chap group, which aimed to increase Chapecó's visibility in other spaces and places by proposing art exhibitions. During his life, Paulo de Siqueira designed and built countless monuments, in the nineties he emphasized religious themes and produced frantically until his early death at the age of 47 in 1996.

**Keywords:** Cultural Heritage, Monument Desbravador, Regional History.

## 1. O Início: O Primeiro Capítulo de Paulo Batista de Siqueira

Paulo Batista de Siqueira, nascido em Soledade, cidade localizada na região noroeste do estado de Rio Grande do Sul em 26 de julho 1949, era filho de Maria Batista de Siqueira (1918 – 1972), mãe solteira, que na época devido a rigidez moral das famílias era inaceitável, logo, segundo João Alves, irmão adotivo de Maria, em entrevista ao documentário “Dom Quixote das Artes”, afirmou que “foi expulsa de casa pelo seu pai Fidencio Siqueira quando este tomou ciência do ocorrido, mudando-se da cidade devido a ausência de lar, trabalho e a existência de um filho pequeno que não poderia ficar desamparado”. (Goldschmidt e Vitorino, 2017).

Maria encontrou trabalho como cozinheira no Instituto Educacional – IE, da cidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, onde além de trabalhar morava com o filho (FIN, 1997), o que era muito comum para mulheres em situação igual ou semelhante. Neste sentido, Fonseca (2012) afirma que:

O estigma de ser uma mãe solteira dando à luz uma criança fora do casamento era enorme, tanto nas camadas urbanas abastadas quanto em muitas famílias interioranas mais modestas. [...] essa moralidade podia fazer sérios estragos na vida de mulheres com menos recursos, dando

poucas alternativas à moça que enfrentava uma gravidez indesejada. O Brasil ainda era um país rural; a maioria da população vivia em cidades interioranas ou em vilarejos onde as línguas fofoqueiras estavam à espreita da mínima transgressão sexual. Saíam desses lugares as moças que comporiam o exército de empregadas domésticas da época. Migravam para cidades maiores, algumas já grávidas - expulsas de casa. Outras vinham embora para esconder de suas famílias e vizinhos a gravidez. FONSECA (2012, pg.20 - 21).

Paulo, desde cedo demonstrou aptidão para as artes, segundo depoimento do amigo e médico Ihunis Mussi Prieto, em entrevista<sup>3</sup> Cedida a Finn (1997), ele começou a pintar ainda aos três anos de idade e jovem também estudou na Escola de Belas Artes. Realizou o ensino primário e o secundário (abandonou no segundo ano) no IE de Passo Fundo devido à ligação laboral da mãe com a instituição.

No ano de 1965, aos dezesseis anos inaugurou sua primeira exposição particular no edifício Scussel em Passo Fundo e no mesmo período recebeu uma menção honrosa na I Feira de Artes Plásticas de Porto Alegre. Em sua juventude em Passo Fundo viveu de trabalhos como decorador e realizando o design de ambientes como o caso da Boate Cacimba, do Boliche Las Vegas e da Churrascaria Gaúcha. Nesse momento da sua vida conheceu a jovem estudante de Direito chapecoense Dalme Marie Rauen, tornando-se seu amigo próximo e confidente (Zanini, 2005).

Segundo Guisolphi (2011) Paulo de Siqueira veio pela primeira vez a Chapecó no ano de 1969, a convite da família Bertaso para decorar o casamento do senhor Ivan Bertaso e Elaine Silvestre, sempre é importante ressaltar que a família em questão era a promotora de quase toda a colonização da região, sobre a influência política da família Bertaso em Chapecó, Petrolí (2008, apud. Silva e Hass, 2017) afirma que:

Em uma sociedade nacional na qual jornalistas, políticos, engenheiros, magistrados e médicos eram as principais personagens dos processos de modernização, Petrolí (2008,p.38-43) ainda destaca que Serafim Enoss Bertaso, filho do coronel Bertaso e engenheiro responsável pela elaboração do traçado urbano da região central de Chapecó, assim como o Juiz Antônio Selistre de Campos 10 exerceriam grande influência na elaboração do ideal de progresso. (Petrolí, 2008. apud. Silva e Hass, 2017)

Nesse período tendo muita importância e influência política dado que Ivan Bertaso, filho do engenheiro e ex-prefeito da cidade Serafim Enoss Bertaso, viria a ser vice-prefeito no ano de 1978. Nessa primeira visita, Paulo recebeu grande reconhecimento pelo seu trabalho e notou o ambiente favorável para as artes.

---

<sup>3</sup> Entrevista cedida para a elaboração da dissertação de mestrado da autora, no entanto, a parte em questão não consta na versão final do trabalho, mas está disponível no acervo documental do memorial Paulo de Siqueira.

Posteriormente, segundo Tomé (1993), de Siqueira conquistou o primeiro lugar no concurso de carros alegóricos da Festa da Uva de Caxias do Sul (1972), esse evento é extremamente importante para a história, dado que se trata da primeira transmissão televisiva ao vivo e a cores do Brasil e foi acompanhado in loco pelo presidente Emílio Garrastazu Médici (1905 – 1985). A transmissão teve a duração de duas horas e trinta minutos e contou toda a epopeia da colonização sendo transmitida pela rede difusora de Porto Alegre e redistribuída pela Rede Globo do Rio de Janeiro.

No final do ano 1972 com o falecimento da mãe, Paulo Batista de Siqueira mudou-se para Chapecó a convite da amiga Dalme Marie Grando Rauen, que segundo Zanini (2005):

Em uma de suas visitas antes de adquirir moradia fixa, Dalme o leva visitar vários lugares, inclusive a Prefeitura Municipal para apresentar ao prefeito o futuro morador. Paulo também é apresentado à família Grando, lá, ele contou a sua vida e o trabalho que realizava com esculturas no Rio Grande do Sul, projetando e construindo monumentos para a Prefeitura, que mais tarde o consagrariam. (ZANINI, 2005, p.04).

Assim, a partir dos contatos feitos a cidade o acolheu e nos seus primeiros anos trabalhou como decorador das festas do Clube Recreativo Chapecoense (CRC), também realizando pinturas e ornamentando bares, clubes, casas de shows etc.

## **2. A Chapecó no período de Paulo de Siqueira: a modernização política, econômica e o despertar das artes**

Desde a sua emancipação no ano de 1917, Chapecó utilizou o argumento da modernização, de sair do atraso, da selva para a cidade. Com a chegada da colonizadora esse discurso foi ampliado segundo Vicenzi (2008), pois era necessário passar a noção de progresso para o governo do estado visando benefícios e principalmente como atrativo para os colonos que vinham principalmente do Rio Grande do Sul.

Com a chegada dos colonos junto aos habitantes que já estavam sedentarizados na região, Chapecó passou por quatro fases econômicas distintas segundo Colleti (2009): produção de subsistência e gestação de pequeno capital comercial (até a década de 1930), crescimento do capital comercial e sua expansão em busca do excedente camponês (1935 - 1945), surgimento do grande capital agroindustrial e a mercantilização da produção camponesa (1945 - 1965) e o processo de monopolização do grande capital agroindustrial

e modernização seletiva da pequena produção mercantilizada (1965 - 1980). Essas fases dirigiram o município do rural para o urbano proporcionando que uma nova leva de imigrantes se deslocassem para a região vislumbrando trabalhar em setores estritamente urbanos (agroindústria, construção civil, mecânica etc.).

Nos anos 70 do século XX a cidade de Chapecó estava transformada, a economia já estava calcada no setor agroindustrial que foi implantado primeiramente no abate de suínos e aves e na transformação em produtos, assim surgiram (...) “a Sadia (1944) em Concórdia, Seara (1949) em Seara, Chapecó (1952) em Chapecó, Itapiranga (1962) em Itapiranga – Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda (1969) em Chapecó” (PIMENTA, 1984, p. 17-20). Logo, a cidade que possuía traços rurais estava dando abertura para a urbanidade, segundo dados do IBGE/ PREFEITURA MUNICIPAL DE CHAPECÓ a população em 1970 era de 50.117 habitantes, já em 1980 essa era de 83.864 sendo que em 1990 a população urbana passou a população rural, fato estatístico que se mantém até hoje.

A transição entre o tradicional e o moderno ficava clara dado a coexistência dos clubes, que foram criados para a diversão dos moradores quando a cidade ainda era rural com os bares e discotecas que estavam se instalando na cidade, em sua coluna denominada “Transas sociais” no periódico Correio do Sul de 01 de setembro de 1978 o jovem Paulo de Siqueira escreveu:

Nossa cidade vive momentos de transformações intensas que vêm surpreendendo de forma acentuada os próprios chapecoenses que aqui vivem; passando do bucolismo da cidade pequena ilhada dentro dos seus preconceitos e coisitas que formam o burburinho de cidades desta natureza para a dinâmica e nervosa da metrópole que se agiganta dia a dia estendendo as suas raízes de maneira elétrica e avassaladora, mudando o visual monótono que a caracterizava deixando os próprios elementos da terra aparvalhados (De Siqueira, 1978, p. 7)

Nesse período de extrema efervescência da urbanidade entre o final do ano de 1972 até 1977 Paulo Batista de Siqueira ganhou a vida decorando as festas do CRC, pintando murais para estabelecimentos públicos e privados de forma independente, sendo o seu próprio empresário e utilizando-se da fama adquirida no estado do Rio Grande do Sul e dos contatos proporcionados pela sua afinidade com a elite econômica local.

A partir de 1977, com a chegada do advogado Milton Sander (1943 – 2018) ao topo do poder municipal, Paulo foi contratado pelo poder público com o objetivo de integrar a I exposição global de artes que aconteceu na cidade durante a semana do município e reuniu vinte oito artistas do estado, sendo seis de Chapecó segundo o jornal Correio do Sul Regional (1977).

A administração Sander Bertaso (1977 – 1982) demonstrava uma inclinação pelas artes, logo, nesse período Paulo de Siqueira iniciou seus primeiros trabalhos monumentais na cidade como a confecção do Índio Condá, que ornamentou a entrada do setor da arquibancada popular no Estádio Regional Índio Condá, o Padre Champagnat, que ornamentou a praça Marcelino Champagnat no bairro Santa Maria e o Gafanhoto que foi postado no Aeroporto Paulo Marques que ficava situado no bairro São Cristóvão.

### **3. Da Sucata à Arte: o resgate daquilo que a insensatez humana joga fora como substrato para obras monumentais**

Paulo Batista de Siqueira, em sua jornada como escultor, ficou conhecido internacionalmente pelo uso de materiais não ortodoxos na construção de seus monumentos. O uso de peças automotivas e industriais de metais ferrosos no desenvolvimento de seus projetos viria a se tornar sua assinatura e seu modo de trabalho.

Um exímio soldador, Paulo era um grande cliente dos ferros velho, pois esse ambiente de descarte de metais para a reciclagem através do processo de fundição, para o artista se tornava um verdadeiro depósito de esculturas desmontadas. Apesar de seu trabalho basear-se na reutilização de metais descartados, Siqueira falava que não fazia reciclagem, e sim, o “resgate daquilo que a insensatez humana joga fora”, e que seu trabalho era a “expressão do movimento que procura trazer a tona um pouco dos meus furacões espirituais”<sup>4</sup>.

Sobre o modo de trabalho de Paulo de Siqueira na elaboração do monumento ao MERCOSUL, um jornal<sup>5</sup> da cidade argentina de Corrientes afirma que:

Los materiales con que se valió el escultor para construir su pieza, son de los más diversos metales que van desde chatarra de astilleros hasta repuestos y partes de vehículos, hasta cables de alta tensión traídos de Yacyretá. Bulones, arandelas, chapas de diversos formatos, bujías, válvulas de automóviles, cadenas y tantas otras partes de automóviles, fueron utilizados con gran imaginación para representar las distintas partes del cuerpo de Hermes (antiguo Dios romano) que poco a poco va tomando forma, y que sostiene en su mano derecha un instrumento de navegación y en la otra una báscula (bastón que antiguamente era usado para pacificar a los animales salvajes y fieras). También con esa mano sostiene una serpiente que aún no están terminadas. (jornal não identificado, 1994. Acervo MPS)

---

<sup>4</sup> O trecho em questão encontra-se em um retalho de jornal que está alocado no acervo documental do Memorial Paulo de Siqueira.

<sup>5</sup> Ibid.

De Siqueira, em sua vida como artista plástico, se tornou um grande criador de monumentos que, devido a sua relevância, representam parte da cultura da população do recorte geográfico onde estão inseridos. Ao se analisar os monumentos de Paulo por uma visão do patrimônio cultural, levo em consideração as palavras de Brambilla (2019), que afirma que o patrimônio cultural, assim como a própria cultura, é uma construção social.

Ainda que o termo patrimônio tenha recebido variadas conceituações, e se transformado e ressignificado no decorrer dos anos, tanto em termos conceituais, quanto de legislação, o mesmo se consolida na acepção atual como bem cultural representativo da memória de uma dada sociedade. E enquanto construção social os patrimônios se ressignificam na interação com os seus leitores, evidenciam relações de poder, econômicas, políticas, culturais e as representações sociais arraigadas nos diversos grupos que compõem as sociedades. (Brambilla, 2019. pg.10).

Sobre a criação de monumentos, no ano de 1981 Paulo de Siqueira realizou sua principal obra, o Desbravador, que hoje é símbolo da cidade de Chapecó. Construído com recursos municipais através de uma parceria entre o Lions Clube Chapecó e a prefeitura Municipal de Chapecó, o gigante de aço chapecoense encontra-se instalado no canteiro central da Avenida Getúlio Vargas, ao lado da Catedral Santo Antônio, e faz parte do patrimônio cultural tombado do município de Chapecó.



Foto contida no acervo da Hemeroteca digital do Museu de História e Arte de Chapecó  
Disponível em [FOTOGRAFIAS ACERVO MPS](#), acessado em 14 de agosto de 2024.

Partindo dessa visão patrimonial dos monumentos de Paulo, podemos traçar paralelos entre a conservação (ou ausência de) destes bens, tombados ou não, e como esses atos interferem na construção de uma memória coletiva na população onde estes estão inseridos, afinal, segundo Fernandes (1986) “não existe neutralidade possível, o intelectual deve optar entre o compromisso com os exploradores ou com os explorados”, e, no setor dos estudos sobre o patrimônio, quando não se atua na proteção dos bens culturais tombados (ou não), atua-se, (mesmo que intencionalmente) ativamente na sua destruição. Acerca desse assunto, trago à luz a reflexão de Service (1971, p.11 apud. BASTOS, 2007. P.20) “Não podemos saber o que ganhamos em adquirir civilização, enquanto não soubermos o que perdemos”.



Nesse sentido, podemos também fazer uso e adaptar os conceitos tratados na belíssima obra “a invenção das tradições” de Eric Hobsbawm, afinal, como partimos do pressuposto de que o patrimônio cultural é uma construção social, podemos também dizer que, assim como as tradições, o patrimônio também é inventado. Com o passar dos anos e o surgimento dos primeiros estados nação, no período posterior a Revolução Francesa, a sociedade, agora unificada em uma nação, sentiu a necessidade de ampliar a visão de patrimônio ao âmbito coletivo, buscando objetos, memórias e tradições que os unisse como membros dessa nação recém inventada. Segundo Funari e Pelegrini (2006) o estado nacional surgiu a partir da invenção de um conjunto de cidadãos que deveriam compartilhar uma língua, uma cultura, origem e território. Sendo assim, a primeira tarefa do estado nação foi criar seus cidadãos. O patrimônio, como algo coletivo, foi uma das ferramentas utilizadas para tal ato.

Devido a necessidade da existência de um caráter cultural identitário na construção das nações do século passado, o patrimônio esteve bastante ligado aos nacionalismos do século XX, e vice-versa. Segundo Funari e Pelegrini (2006), a ênfase no patrimônio cultural atinge seu ápice no período entre 1914 e 1945, período em que as duas guerras eclodem sob o impulso dos nacionalismos, esse culto às tradições se faz presente no alicerce dos movimentos nacionalistas da época, como por exemplo a utilização de símbolos materiais romanos que remetiam aos grandes feitos realizados pelos antepassados dos italianos, como o feixe de varas<sup>6</sup> que deu origem ao nome do movimento nacionalista italiano, o fascismo.

Entretanto, apesar de criar diversos monumentos e gigantes de aço, Paulo Batista de Siqueira também se mostrava muito habilidoso em trabalhos mais delicados, desenvolvendo diversas esculturas com os mais variados materiais, mas sempre mantendo sua preferência pelos metais ferrosos. No âmbito das pinturas, de Siqueira também demonstrava muita habilidade, desenvolvendo diversos trabalhos em diversas cidades do sul do Brasil e países do Mercosul.

---

<sup>6</sup> O feixe de varas significava união e força. Em Roma, na Antiguidade, o lictor levava uma machadinha envolta por um feixe de varas nas mãos, quando ia executar as ordens judiciais.



Foto contida no acervo da Hemeroteca digital do Museu de História e Arte de Chapecó  
Disponível em [FOTOGRAFIAS ACERVO MPS](#), acessado em 14 de agosto de 2024.

Apesar da consolidação de seu trabalho como artista visual no Mercosul, paulo tinha interesses voltados a representatividade do oeste de Santa Catarina no cenário artístico regional, o que o levou a participar da criação do coletivo CHAP, que era composto por uma união de artistas de diversas linguagens e tinha como objetivo ampliar a visibilidade de Chapecó frente a outros espaços e locais através da proposição de exposições coletivas. Esse grupo também teve como membros Agostinho Duarte (1928 - 2004) Antônio Chiarello (1948) Dalme Marie Grando Rauen (1949- 1996) e Ênio Griebler (1938) no ano de 1983 o grupo realizou uma pausa que durou até 1988, quando retornaram. Nesse período Antonio Chiarello mudou-se para Florianópolis e deu lugar para o artista Cyro Sosnosky (1939 – 2004), porém em 1990 o grupo se dissolveu definitivamente.

Apesar de fazer parte do coletivo CHAP e ter residência fixa na cidade, Paulo não ficava por muito tempo em Chapecó, pois sempre que convidado e contratado, mudava-se temporariamente vivendo nas cidades onde trabalhava, tornando-se um artista nômade por diversos períodos da sua vida. No período entre 1982 e 1989, Paulo desenvolveu trabalhos em cidades como Florianópolis/SC, Seara/SC, Porto Alegre/RS, Tenente Portela/RS, Passo Fundo/RS, Criciúma/RS, Dois Irmãos/RS, Encantado/RS, Serafina Correa/RS, Bagé/RS, entre outras. Posteriormente, ao retornar a Chapecó começa a produzir em grande ritmo,

no ano de 1992 já possuía duas galerias/ateliês, uma delas localizada sob o Desbravador e outra sala alugada, onde trabalhou intensamente.

#### **4. A descoberta do HIV e a mudança nos rumos artísticos: os últimos anos de Paulo de Siqueira**

A identificação em nível global da síndrome da imunodeficiência adquirida, habitualmente conhecida como AIDS, em 1981, tornou-se um marco na história da humanidade devido à sua rápida expansão e pela falta de pesquisas científicas com essa temática, o que fez com que ser diagnosticado com essa doença na época fosse uma sentença de morte.

No Brasil, a doença veio acompanhada pelo preconceito de gênero muito comum<sup>7</sup> na época, pois, segundo Brito, *et.al* (2001):

No início da epidemia, o segmento populacional constituído dos homens que fazem sexo com outros homens (homossexuais e bissexuais) foi o mais atingido. No ano de 1984, 71% dos casos notificados eram referentes a homossexuais e bissexuais masculinos.

No entanto, a via de transmissão heterossexual constitui a mais importante característica da dinâmica da epidemia, com expressão relevante em todas as regiões. Houve incremento importante desta forma de transmissão: de 6,6 % em 1988, para 39,2%, em 1998. Nesse cenário de incertezas e trabalho árduo de cientistas das mais variadas áreas na busca pela cura ou pela redução na disseminação desta epidemia, no início da década de 90, Paulo Batista de Siqueira descobriu ser portador do vírus HIV.

A doença teve um impacto grandioso na sua vida, pois a partir desse momento, abandonou a crença metodista, a qual era batizado desde criança, e começou a focar seus esforços em obras com temas da religião católica, como, por exemplo, a pintura de nossa senhora aparecida, desenvolvida por ele nesse período.

---

<sup>7</sup> Informação baseada nas entrevistas de rua da década de 1990 sobre o assassinato de homossexuais. Disponível em: [Essas entrevistas foram feitas na década de 80, época em que um maníaco assassinou vários homens gays em São Paulo. Havia então ainda mais ódio contra os homossexuais por se tratar do período em que a Aids estava em seu auge. A epidemia parece que legitimava o ódio expresso aos gays, e a homofobia era destilada aos quatro ventos. E a gente não quer voltar pra isso, né? | Quebrando o Tabu | Facebook](#). Acesso em 14/08/2024.



Representação de Nossa Senhora Aparecida, Paulo de Siqueira, sem data.  
Acervo do Memorial Paulo de Siqueira - Chapecó

Conforme a doença ia se agravando, Paulo ia ficando cada vez mais irreconhecível, pois nesse período já havia perdido muito peso, alterando suas feições e trazendo um ar melancólico não presente no Paulo de outrora durante os carnavais da sociedade chapecoense, os quais sempre participava e esbanjava alegria. Além da alteração na sua feição, também é notável as alterações no seu modo de vida, pois, pela primeira vez, podemos afirmar que ele possuiu um endereço fixo em Chapecó. Nesse período, de Siqueira, além do cristianismo, aproximou-se da natureza, mantendo diversas plantas em sua residência e fabricando diversos pedestais de metal que utilizava como suporte para as inúmeras e variadas flores que mantinha consigo.

Paulo Batista de Siqueira foi batizado no catolicismo no seu último dia de vida pelo bispo emérito da diocese de Chapecó Dom José Gomes (1921 - 2002) e faleceu aos 47



anos, as 17 horas do dia 30 de julho de 1996 em sua residência e foi sepultado no cemitério Jardim do Éden no dia 31 de julho de 1996.

## Referências

BASTOS, Rossano Lopes. *Preservação, Arqueologia e Representações Sociais: Uma proposta de Arqueologia Social Para o Brasil*. Erechim: Habilis, 2007. 146 p. v. 1.

BRAMBILLA, Adriana Carmen. *Arte pública, paisagem urbana e memória: monumentos passo-fundenses de Paulo Batista de Siqueira*. 2019. 101 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2019.

BRASIL. Autorização de acompanhamento arqueológico, de 24 de agosto de 2020. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 24 ago. 2020. Sessão 01, Pg. 136.

BRITO, A. M. DE .; CASTILHO, E. A. DE .; SZWARCOWALD, C. L.. AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, v. 34, n. 2, p. 207–217, mar. 2001.

COLLETTI, Tomé. *Agroindústria suinícola e agricultura familiar: uma “crônica” sobre a trajetória histórica no Oeste catarinense*. Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade federal de Santa Catarina, centro socioeconômico, 2009. Florianópolis, 2009.

DE SIQUEIRA, Paulo. *Transas sociais*. in CORREIO DO SUL, ano 2, ed 52, Chapecó, 01 de setembro de 1978.

DOM Quixote das Artes. Direção: CASSEMIRO VITORINO e ILKA GOLDSCHMIDT. Chapecó: Margot, 2017. Disponível em: <https://vimeo.com/255499723>. Acesso em: 16 ago. 2024.

FIN, Neocy. *Vida e obra de Paulo de Siqueira*. 1997. Monografia – Universidade do Oeste de Santa Catarina, Chapecó, 1997.

FONSECA, C.. *Mães “abandonantes”: fragmentos de uma história silenciada*. Revista Estudos Feministas, v. 20, n. 1, p. 13–32, jan. 2012.

FUNARI, Pedro Paulo A.; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. *Patrimônio Histórico e Cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. 71 p.

GUISOLPHI, Anderson. A construção da estátua “o Desbravador”: a materialidade ideológica. *Cadernos do Ceom*. Chapecó. Ano 24, N.33. P. 257-275 jun. 2011.

HOBBSAWM, Eric. e Ranger, Terence. *A invenção das tradições*. RJ: Paz e Terra, 1990.

PIMENTA, Margareth de C. A. *A estrutura espacial da Microrregião Colonial do Rio do Peixe*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1984. (Dissertação, Mestrado em Engenharia de Produção).

SILVA, Claiton Marcio da; HASS, Monica. “O Oeste Catarinense não pode parar aqui”. Política, agroindústria e uma história ideal de progresso em Chapecó (1950-1969). *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v.9, n.21, p.338-374. maio/ago. 2017

TOME, Roselli Filipi. *A escultura contemporânea chapecoense de Paulo B. de Siqueira*. Monografia – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 1993.

VICENZI, Renilda . *Mito e história na colonização do oeste catarinense*. Chapecó: Argos, 2008.

ZANINI, Gina. *Do princípio: Dalme Marie Grando Rauen*. Chapecó. Fundação Cultural de Chapecó, 2005.